



## Narrativa Indígena

### **DERNIVAL KIRIRI**

“Olá pessoal, lá vai minha primeira contribuição sobre a História da Nação Kiriri, lembrando a vocês que esta informação já está no nosso livro e no Blog do Território Kiriri Canta Galo (<http://kiriricantagalo.blogspot.com.br/>):

A origem do povo Kiriri antecede a chegada dos portugueses. Este povo ocupava vasto território do nordeste brasileiro, indo do litoral norte da Bahia até as margens dos rios Itapicuru e São Francisco, passando, também, pelo sertão baiano, sul do Piauí, Ceará e oeste de Sergipe.

Composto historicamente de diversos grupos nômades, este povo foi perseguido pelos capitães do mato e coronéis (senhores poderosos na história do Brasil), o que levou a divisão em vários grupos menores, que sofriam com os conflitos e as doenças causadas pelo contato com o povo não índio. Alguns desses grupos vieram de canoa pelos rios Itapicuru e São Francisco para a região de Zurududé e Saco de Morcego (atual aldeia Mirandela) onde se fixaram, e outros grupos vieram pelo mato.

Tomé de Souza tomando conhecimento da vinda dos Kiriri para Zurududé, enviou uma expedição para reconhecimento e contato com os índios, que ele considerava selvagens. Porém, houve conflito e morte. Então, os jesuítas resolveram fazer uma segunda tentativa de contato com o povo Kiriri na esperança de catequizá-los. Mais uma vez, houve fracasso da expedição. Mas aos poucos, depois de negociações e mediações os jesuítas conseguem catequizar o povo Kiriri, apagando parte de sua cultura.

Por causa das constantes invasões dos senhores de engenho nas regiões dos Kiriri, o rei de Portugal D. João VI, por meio de um alvará, deu aos Kiriri uma légua e uma quadra, sendo esta destinada a missão Senhor de Ascensão do Saco dos Morcegos, sendo o centro desta terra - Vila de Mirandela. Pode-se retomar a história dessa localidade a partir de 8 de maio de 1758, quando uma carta assinada pelo Conde Marco de Noronha e Brito, parente

próximo do Marquês de Pombal, extingue todos os aldeamentos e funda a Vila de Canabrava de Santa Tereza de Jesus dos Kiriri, que mais tarde seria denominada Vila de Pombal, que e posteriormente em 1943, pelo decreto de Lei Número 143 passaria a ser a cidade de Ribeira do Pombal. Estabeleceu-se então quatro núcleos de missões jesuítas na região dos Kiriri:

- Missão do Senhor de Ascensão dos Kiriri Mirandela (Em Saco dos Morcegos, território Mirandela)
- Missão Santa Tereza de Jesus dos Kiriri (Em Canabrava, atual cidade de Ribeira do Pombal)
- Missão da Nossa Senhora das Brotas de Natubá (atual cidade de Nova Soure)
- Missão de Nossa Senhora da Conceição do Jeru (Em Tomé de Jeru no estado de Sergipe)

Com a expulsão dos jesuítas em meados do século XVII essas aldeias foram transformadas em vilas, fato que para os Kiriri significava o começo de um novo tipo de vida.

O objetivo desta lei seria acabar com os conflitos dos brancos com os índios e facilitar a paz junto a coroa portuguesa e aos coronéis, e assim evitar a dizimação dos índios de Canabrava na região. Os sobreviventes se juntaram aos Kiriri de Mirandela.

Na época da escassez dos alimentos, devido a seca prolongada na região dos Kiriri, os anciãos foram chamados para Jeremoabo, iludidos pelo Barão de Jeremoabo que dizia ter muitas abóboras e caças à vontade para eles.

Nesta ocasião muitos índios foram presos em currais e degolados pelos coronéis devido ao conflito de terras. Muitos Kiriri já tinham saído do seu território para outras regiões, outros foram se esconder em tocas no alto das serras.

Durante este corre-corre passa pela região um coronel chamado Juscelino, que vendo a briga dos índios, capturou alguns e os levou para Salvador. Durante o trajeto muitos índios morreram, outros conseguiram fugir para as matas e poucos seguiram para Salvador com o coronel. Lá chegando, foram aprisionados. Porém, os índios sempre mantinham a vontade de voltar para Zurududé.

Com a concentração dos índios nos arredores de Canabrava (região de Pombal), o Marquês de Pombal junto com os demais coronéis organizaram um ataque, não só para os de Canabrava, mas também para os outros índios que

viviam nesta região, entre eles os Kiriri. Os coronéis fizeram uma festa e embebedaram todos os índios com vinho e, quando todos estavam embriagados, atiraram fogo em um canavial e jogaram os índios dentro, os que conseguiram fugir foram parar em Nova Soure e no Saco dos Morcegos, se juntando com os demais índios: Tapuia, os Guaranis e os Tupinambás. Depois do massacre dos Canabrava surge outro em Nova Soure, mas lá os índios resistiram mais, puderam mostrar diferentes tipos de batalhas, foi quando os coronéis encontraram a união e forma de organização deste povo. Sem mais armas para lutar, os coronéis, junto ao governo, planejaram uma outra forma de conquistar os índios, utilizando a troca de objetos não valiosos na compra de terras indígenas. Para cada hectare, eles prometeram que dariam uma cabeça de gado e o índio pensando que era o animal todo concordou, porém, foram enganados, pois era só a cabeça do animal. Quando os índios perceberam, não podiam voltar atrás e acabaram perdendo o único espaço de sobrevivência, para os coronéis.

A expansão das frentes de pastoreio no sertão nordestino resultou na perda de boa parte dos costumes e tradições dos Kiriri, dança do cururu, casamentos tradicionais, a perda do seu idioma original (*Kipeá Kiriri*). Algumas tradições resistiram: a zabumba e as suas organizações tribais.

## **Vidas e Luta**

Desde o contato com os colonizadores os indígenas vêm sofrendo perseguições e perdas das suas tradições. Nas aldeias as perdas foram muito fortes, pois muitos dos seus anciãos foram mortos devido aos seus rituais sagrados. As celebrações praticadas pelos índios eram inaceitáveis pelos jesuítas. Em 1949, o SPI (Serviço de Proteção aos Índios) instalou em Mirandela um posto indígena, nos dando assistência precária nas áreas de saúde e educação. Neste mesmo ano indicou o índio Daniel Antônio de Patrício como capitão do povo Kiriri.

Com o passar dos anos a figura do capitão foi substituída pelo cacique. Em 1972 o próprio Daniel indica o índio Lázaro Gonzaga de Souza para comandar a nação Kiriri como cacique geral.

No dia 5 de outubro de 1974 as lideranças Kiriri organizaram uma caravana com cerca de 100 índios cujo destino era a terra indígena Tuxá, localizado no norte da Bahia. Em princípio para realizar um jogo de futebol entre as duas tribos, já com objetivo de assistir o ritual do toré realizado

por aqueles índios. No ano seguinte no mês de fevereiro de 1975 os índios Armando, Arizona, Lúcio e Batista de Rodelas vieram ensinar aos Kiriri a prática do toré. Desde então os Kiriri vem praticando o ritual até hoje. Em 1982, os Kiriri reafirmaram a sua identidade cultural com a escolha do pajé geral pelo encantado.

Porém os indígenas Zezão, Maurício e Adonias contrariando as expectativas do cacique Lázaro nesta disputa do pajé, apoiaram o pajé geral Adonias Higino de Andrade.

Com a afirmação do pajé, os Kiriri passaram a adotar novas estratégias de luta como a reafirmação das suas tradições e da busca do seu território. Em 1985, a nação Kiriri se divide em dois grupos, por que a maioria das famílias não mais concordavam com os métodos que o cacique Lázaro usava na direção das suas aldeias. Neste mesmo período escolheram como novo cacique a pessoa de Manuel Calazans de Souza (Niel).

Mesmo dividido em dois grupos, os índios sempre se preocupavam em exigir que a terra indígena fosse demarcada e homologada e que finalmente pudesse reinar a paz que eles tanto sonhavam para as suas crianças. Em 1985, a etnia de Kiriri canta galo foi comandada pelo pajé Adonias, já em 1986, é formado o comando do cacique Néel. No ano de 1992, a mesma passa a ser comandada pelo cacique Salviano. Dia 3 de novembro de 1993 o cacique Manoel fica no comando, mudando em 2006 para o cacique Zé Nilton e posteriormente, em 2009, para Manoel Cristovão.

Em novembro de 1980, foram demarcados os 12.299,873 hectares que constituem a atual área indígena. Os posseiros junto com os fazendeiros quebraram os marcos da terra indígena, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e os índios entraram com uma ação no Ministério Público, que nesta época a sede ainda era em Recife. Mas a persistência dos Kiriri deu certo, dez anos depois veio o reconhecimento de seu território. Em 1990 a terra indígena foi reconhecida com uma extensão de 12.300 hectares. No ano de 1977 o povo Kiriri retoma a primeira fazenda Catuaba na Baixa da Cangalha, que era a maior fazenda da região, com mais de 30% da área indígena, para mais uma pressão no reconhecimento do território. Os fazendeiros diziam que a terra não era dos índios, que eles não tinham o direito de ficar com a posse da terra. No dia 2 de fevereiro de 1988, José Nobre o dono da fazenda Pico, não quis o pagamento da indenização da fazenda, pois achava que os índios não tinham direito a sua fazenda, neste mesmo período ele montou um mutirão para a

limpar o local, e impedir os índios de andar pela sua fazenda e perto dela. Mirandinha, Mirandão e Iraque foram negociar com José Nobre e deram a ele cinco dias para deixar o local, depois os índios voltaram para a fazenda. A Polícia Federal chegou a Mirandela para acalmar os índios e os posseiros, o índios se reuniram em Mirandela com o delegado da Polícia Federal, enquanto os posseiros queimavam duas casas, uma cozinha, um banheiro e quebraram o último marco nos picos. No dia 15 de fevereiro voltaram a trabalhar em suas roças, alguns já foram para a Cacimba Seca com enxadas. No dia 22, José Nobre retorna à fazenda Pico para trabalhar, bebendo e cantando batalhão, porém a polícia veio com dois camburões para fazer a retirada dos posseiros sem que eles soubessem. Os fazendeiros diziam que tudo que sumia de suas fazendas eram os índios que roubavam. Nesta mesma época a polícia chamou José Nobre para conversar, mas ele reuniu todos os posseiros para que o delegado não descobrisse as suas armadilhas. Os posseiros falaram muito alto com o tenente, mesmo assim o trabalho continuava na fazenda. Com a chegada da polícia Federal os fazendeiros, índios e posseiros se confrontaram, enquanto o delegado da FUNAI e a Superintendência da Polícia Federal não chegavam, os índios pedem reforço à FUNAI para permanecer em seu território.

Neste mesmo período, os índios foram fazer o variante, eles trabalharam por três dias, quando no dia 24 de fevereiro de 1988, os brancos foram esperar os índios passarem na estrada do Pau-Ferro, porém os índios foram avisados antes e comunicaram o fato à polícia. No dia 2 de março de 1988 em Marcação, os índios foram buscar o gado, na roça de Zé Lourinho, pois os Kiriri ganharam a fazenda Picos, e esta vitória é comemorada através de uma grande festa. Essa festa foi comemorada no dia 29 de junho, com muita dança e cantando o toré, conforme tinham prometido aos seus antepassados que a vitória era certa. Foram quatro dias de festa na fazenda, que hoje pertence aos índios Kiriri. Com a conquista da fazenda Picos, os índios trabalham construindo suas próprias moradias.

Em 1995 os índios retornam ao maior povoado da terra Kiriri, Mirandela, que era o centro da terra indígena, antes habitada pelos posseiros e centro de missa dos católicos.

Nesta época também reconquistam os territórios dos povoados de Pau Ferro, Gado Velhaco e Marcação. Assim as aldeias Araçá, Segredo, Baixa da Cangalha, Cajazeira e Baixa do Juá foram ocupadas pelos índios Kiriri de Canta Galo e as

demais aldeias foram ocupadas pelos índios de Mirandela. Com a retomada da terra indígena, com o fim de todo esse processo de luta e o retorno as suas aldeias, a vida de todos os índios mudaram, hoje a paz reina entre os Kiriri. No ano de 1998 os conflitos com os posseiros acabaram e também com os próprios índios. Hoje os índios buscam viver em harmonia com todos. Podemos dizer que estamos vivendo bem, mas falta muito para conseguir os nossos ideais, que é ver as nossas crianças e jovens livres de todos os perigos.”

**2014**